



GT Organização, Mediação, Tecnologia e Sociedade

FABULADORES DE CONTROVÉRSIAS CIENTÍFICAS: A ATUAÇÃO DE NEGACIONISTAS CLIMÁTICOS NA IMPRENSA BRASILEIRA

Daphane Leilane da Silva¹

Bianca Maria da Silva Melo²

Priscila Muniz de Medeiros³

RESUMO

Ao permitir espaço igualitário a fim de se ouvir “ambos os lados” de uma discussão, os veículos jornalísticos permitem que negacionistas climáticos com vínculo acadêmico ganhem a atenção da mídia em momentos cruciais para a implantação de políticas públicas que visam o desaceleramento das mudanças climáticas. A atuação desses atores tem se mostrado uma ameaça constante para estudos epistemológicos, pois diminui a confiança pública na pesquisa científica e estimula a polarização dos sujeitos em assuntos de importância para toda a sociedade, como é o caso do aquecimento global. Este estudo investigou, através de uma revisão de literatura, como pseudoespecialistas participam de campanhas na mídia profissional que possuem o objetivo de negar, distorcer e minimizar dados científicos sobre a crise climática no Brasil. O artigo também destrincha as relações entre famosos negacionistas brasileiros, empresas do setor agrícola e membros da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), que têm utilizado dos discursos controversos para promover projetos de lei que facilitam a degradação do meio ambiente e atendem aos seus interesses políticos e econômicos. Por meio de revisão bibliográfica, constatou-se que esses atores têm sistematicamente se posicionado contra o consenso científico e apoiado certos movimentos políticos na missão de retardar e/ou extinguir a implementação de políticas de conservação ambiental no país. Ao criar legitimidade por meio da imprensa, os fabuladores de controvérsias põem em xeque a credibilidade da ciência e atrapalham a governamentalização ambiental no Brasil.

Palavras-chave: Pseudoespecialistas; Pseudociência; Negacionismo climático.

1 INTRODUÇÃO

Os interesses de grandes grupos econômicos podem interferir na produção do conhecimento científico. Thompson (1993) afirma que o conflito de interesses ocorre quando o julgamento de um profissional é influenciado por interesses externos. Assim, vínculos entre

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: daphane.silva@ichca.ufal.br.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil. E-mail: bianca.melo@ichca.ufal.br.

3 Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente no Departamento de Comunicação. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: priscila.medeiros@ichca.ufal.br.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia
23 a 27 de setembro de 2024

pesquisadores e organizações podem comprometer a credibilidade dos estudos científicos e o consenso científico, entendido como a aceitação quase unânime de uma teoria com legitimidade teórica e empírica (Junges; Massoni, 2018).

No caso das mudanças climáticas, 97% dos cientistas que se dedicam a pesquisar sobre o tema concordam que elas possuem causas antropogênicas, ou seja, têm relação com as ações dos seres humanos sobre o meio ambiente (Cook *et al.*, 2013). No entanto, discursos frequentemente utilizados por grupos negacionistas, apoiados por argumentos que descredibilizam medidas públicas para combater as mudanças climáticas devido aos alegados impactos na economia global (Miguel, 2022), estão cada vez mais influenciando a opinião pública sobre o assunto. As alegadas ameaças à soberania nacional, aliada a teorias da conspiração que promovem a ideia de que o combate às mudanças climáticas estaria relacionado ao interesse de países estrangeiros pelos recursos naturais brasileiros, também contribuem para o agravamento do cenário. Partindo dessa premissa, o artigo investiga a presença de especialistas que negam a antropogenia e os impactos das mudanças climáticas nos canais midiáticos brasileiros.

Para falar sobre tais especialistas, utilizamos o termo “pseudoespecialistas”, fazendo referência à figuras que possuem um nível de autoridade devido ao reconhecimento acadêmico através de algum nível de formação, mas que realizam a disseminação de ideias enganosas e/ou práticas duvidosas de conduta científica, visando fazer suas afirmações aparentarem ser mais legítimas do que realmente são (Sorial, 2017).

Embora discordâncias entre cientistas façam parte do processo científico, a *fake science*, ou pseudociência, é utilizada para criar controvérsias deliberadas, gerando a percepção de que não há consenso sobre certas questões científicas ou que existem visões alternativas ancoradas na ciência, atrasando ou impedindo a implementação de políticas específicas (Weinel, 2019). Esses "fabuladores de falsas controvérsias" envolvem atores fora do ambiente acadêmico, em vez de colaborar com cientistas centrais nas discussões, influenciando o debate público e impedindo políticas públicas efetivas (Weinel, 2019).

A atuação de pseudocientistas ameaça os estudos epistemológicos ao minar a confiança pública na pesquisa científica e estimular a polarização sobre questões importantes, como as mudanças climáticas. Ao ganhar legitimidade na mídia, esses falsos cientistas,



apoiados por grupos políticos e setores empresariais, questionam a credibilidade da ciência e trabalham para impedir políticas ambientais no Brasil.

Nesse sentido, por meio de levantamento bibliográfico, o trabalho visa compreender a responsabilidade desses atores em campanhas que negam, distorcem e minimizam dados científicos sobre a crise climática. O artigo também busca entender: *i)* o que caracteriza pseudocientistas em nossa sociedade; *ii)* seus principais financiadores e alvos de ataque; *iii)* e a forte representação que essas figuras possuem no crescimento do negacionismo socioambiental brasileiro. Em específico, nos aprofundamos na atuação desses falsos atores em veículos de comunicação, consolidados em torno da disseminação de fatos.

O trabalho se divide em três seções: a primeira apresenta conceitos de falsas controvérsias e o modo como a fabricação de incertezas molda o negacionismo socioambiental no Brasil. Na segunda, trazemos um panorama sobre as ligações intrínsecas entre os pseudoespecialistas e parlamentares de direita, bem como a relação estreita desses atores com empresas do setor agrícola e suas estratégias de financiamento. Na sequência, analisamos a atuação da mídia diante da cobertura climática no Brasil, que visa dar espaço igualitário para cientistas e céticos. Por fim, nas considerações finais, abordamos os riscos causados pela disseminação dessas falsas controvérsias sobre o clima no Brasil, em especial na imprensa, destrinchando os principais desafios que recaem sobre a comunidade científica com a amplificação da voz de pseudocientistas em variadas esferas de nossa sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Falsas controvérsias científicas são discrepâncias fabricadas com o intuito deliberado de moldar a opinião pública e influenciar os responsáveis pela formulação de políticas, objetivando impedir a implementação de regulamentações (Ceccarelli, 2013). Com a atuação de pseudoespecialistas, essas controvérsias distorcidas ganham amplo espaço no ecossistema online e fazem com que o consenso científico, muitas vezes já estabelecido, perca a força diante dos indivíduos, impactando diretamente a comunidade científica. A alegação falsa de que não há consenso sobre o aquecimento global, muitas vezes é respaldada por setores com interesses econômicos que visam retardar a ação política acerca das mudanças climáticas, como veremos adiante.



Um conceito dado a essa fabricação de ignorâncias é o de agnotologia, descrito por Proctor (2020) como o estudo de estratégias estruturais de agnogêneses, ou seja a produção ativa de incertezas e ignorância. Através dessa estratégia, indivíduos e grupos atuam de acordo com seus interesses para evitar que o conhecimento científico chegue à sociedade civil e arrisque a hegemonia que os mantém no poder. De acordo com González de Gómez (2022, p. 186), isso poderia ser “prejudicial a interesses econômicos, políticos, ou de outra natureza, dos agentes que fomentam a ignorância, e promovem equívocos e incertezas”.

Rajão *et al.* (2022) argumentam que a comunidade científica não está preparada para lidar com falsas controvérsias científicas e a disseminação de pseudofatos. De acordo com os autores, por considerarem os pseudocientistas como indignos de atenção, a academia permite que eles permaneçam incontestes. Assim, eles conquistam cada vez mais terreno no campo da informação, chegando a níveis perigosos não só para o meio ambiente, mas também para a conscientização pública.

A produção de controvérsias sobre o clima possui impactos em larga escala que afetam não apenas o meio ambiente, mas também os esforços globais contra o aquecimento global por parte de toda uma comunidade científica. Governos de extrema direita passaram a fornecer legitimidade e espaço para a propagação do negacionismo climático. Com foco no cenário brasileiro, Rajão *et al.* (2022) detalham os principais efeitos provocados por falsos especialistas no cenário socioambiental, especialmente durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), que mesmo durante sua campanha presidencial disseminou acusações infundadas sobre a intervenção de nações estrangeiras nas políticas socioambientais e de combate às mudanças climáticas (Sampaio, 2018).

Mesmo durante seu mandato, o discurso permaneceu o mesmo, com um constante posicionamento que fomentou o negacionismo diante de questões socioambientais (Missiato *et al.*, 2021). Miguel (2022) aponta que representantes do governo, como os então ministros Ricardo Salles, do Meio Ambiente, e Ernesto Araújo, das Relações Exteriores, realizaram declarações que desacreditaram da existência do aquecimento global e incitaram um clima de desconfiança em torno do consenso científico sobre o tema.

A partir disso, pode-se entender a presença de uma influência de falsas controvérsias científicas nas narrativas disseminadas por representantes do meio ambiente. Missiato *et al.* (2021) apontaram a influência de pseudoespecialistas em debates sobre políticas ambientais



junto a integrantes do Congresso Nacional Brasileiro. Os autores observaram que os falsos especialistas eram frequentemente apoiados por políticos da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), ou bancada ruralista, um grupo legislativo que representa principalmente os interesses dos grandes proprietários rurais que se beneficiam do enfraquecimento de leis ambientais (Rajão *et al.*, 2022). A tendência, fortalecida também em Barros *et al.* (2024), demonstra que a pseudociência está constantemente ganhando espaço por meio de narrativas que validam o negacionismo socioambiental dessas figuras políticas que representam ideais de direita.

3 RELAÇÕES DOS PSEUDOESPECIALISTAS DO CLIMA COM A POLÍTICA BRASILEIRA

Erguidos à categoria de especialistas por congressistas da FPA, Ricardo Felício, ex-professor do Departamento de Geografia da USP, e Luiz Carlos Molion, professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), são vozes notórias do movimento de “negacionistas profissionais” das mudanças climáticas no Brasil (Girardi *et al.*, 2023). Ambos ganham força na mídia e frequentemente são convidados a apresentarem seus ideais enviesados em programas da imprensa, em especial em canais da extrema direita, como Brasil Paralelo e Revista Oeste.

A atuação deles, no entanto, não se esgota em participações em veículos de comunicação, mas se estendem também à participações em audiências públicas que estimulam a ampliação do esgotamento de recursos naturais disfarçados de discursos de apoio à soberania nacional. São exemplos as participações de Felício e Molion que foram ao ar em um programa⁴ de 2019 na TV Senado, onde reforçaram a ideia de que “o aquecimento global é uma fraude”, e a contribuição de Molion em oitiva da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Organizações não-governamentais (ONGs)⁵ socioambientais, em setembro de 2023, também transmitida pela TV Senado. Na audiência, a posição acadêmica de Molion foi utilizada para legitimar seus posicionamentos anti-ambientalistas diante dos questionamentos dos membros da CPI em relação ao trabalho das ONGs em estados da Amazônia Legal. Em ambas as ocasiões, Felício e Molion foram convidados pelo deputado federal e membro da FPA, Marcio

4 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MP3Rp6iQq6A>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

5 Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/tv/plenario-e-comissoes/comissao-parlamentar-mista-de-inquerito/2023/09/ao-vivo-cpi-das-ongs-ouve-meteorologista-e-professor-luiz-carlos-molion>>. Acesso em: 10 jun. 2024.



Bittar (União/AC), para debater sobre assuntos relacionados ao clima. Pecuarista, Bittar é proponente de variados projetos de lei (PLs) que visam derrubar a proteção de áreas ambientais no Brasil, além de ser a favor do asfaltamento da BR-364, que corta o Parque da Serra do Divisor, considerada a maior reserva de biodiversidade da Amazônia (Bataier, 2023).

A estreita ligação entre os pseudoespecialistas e órgãos de poder da política brasileira têm sido fundamental para promover os interesses da bancada ruralista. Também é considerada decisiva para afrouxar legislações acerca da promoção da proteção ambiental no país e contribui ativamente para impedir a eficiência do Brasil em cumprir tratados internacionais que visam o mitigamento das mudanças climáticas (Rajão *et al.*, 2022).

Além disso, apesar de estudos confirmarem que a expansão da fronteira agrícola é uma grande impulsionadora do desmatamento no Brasil (Observatório do Clima, 2023), a bancada ruralista está ativamente promovendo PLs que propõem a facilitação na aquisição de terras, o que diminuiria as áreas protegidas. Esses parlamentares têm favorecido grandes projetos de infraestrutura utilizando as credenciais científicas dos pseudopesquisadores enquanto ignoram evidências divulgadas por outras vozes da comunidade científica brasileira (Rajão *et al.*, 2022).

Portanto, para a realização desse *lobby* de enfraquecimento das políticas ambientais, estes parlamentares enquadram o debate como uma “luta” entre “ideologia” e ciência (Rajão *et al.*, 2022). Ou seja, para eles é fundamental descartar reivindicações pró-ambientais com um argumento de que a ciência está perpassada por ideologias e é financiada por organizações internacionais que visam extrair riqueza dos recursos naturais brasileiros (Rajão *et al.*, 2022).

3.1 A REDE DE FINANCIAMENTO DE PSEUDOCIENTISTAS CLIMÁTICOS

Mooney (2005) destaca a estratégia de negação científica como um marco da indústria do tabaco, que buscou formas de financiar pesquisas que desmentissem estudos datados da década de 1950 e 1960, que apontaram a ligação entre tabagismo e problemas de saúde. De acordo com o autor, esse processo envolveu tentativas de descredibilização de diversos cientistas e influenciou legisladores por meio de *lobby*, com o intuito de dificultar que políticas de controle do cigarro de tabaco entrassem em vigor (Mooney, 2005), visando o próprio lucro acima da saúde da população.

A mesma estratégia anti-ciência que a indústria tabagista utilizou é aplicada por grandes corporações que se dedicam a negar que o aquecimento global esteja em curso ou que



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia
23 a 27 de setembro de 2024

sua atividade econômica tem relação de causalidade com o mesmo (Oreskes; Conway, 2010). Tendo em vista que os estudos sobre as mudanças climáticas apontam para grandes empresas de combustíveis fósseis como responsáveis por contribuir com o fenômeno, algumas delas passaram a financiar pesquisas que disseminam negacionismo ao invés de adotarem medidas contra a crise climática (Oreskes; Conway, 2010).

Os autores apontam que a criação de *think tanks* conservadores, que surgiram na década de 1970 nos Estados Unidos e até hoje veiculam um discurso anti-ambientalista, são financiados por corporações ligadas à indústria de combustíveis fósseis. Oreskes e Conway (2010) usam o exemplo da *Exxon Mobil*, empresa multinacional estadunidense de petróleo e gás. A organização financiou pesquisas que desacreditaram dos estudos expostos em relatórios do *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC, Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) ao longo do tempo, descredibilizando o corpo de cientistas que compõem o painel.

Esses *think tanks* reuniam *experts* do campo científico que estivessem dispostos a se engajar no desmonte de políticas ambientais com o objetivo de atender a interesses empresariais, comerciais e a políticas econômicas (Oreskes; Conway, 2010). Um estudo de Brulle (2013) apontou que grupos conservadores dos Estados Unidos chegaram a gastar quase um milhão de dólares com campanhas de negacionismo climático. Tais esforços estariam concentrados em impedir os avanços de políticas de redução de gases poluentes no país.

No contexto brasileiro, os financiadores dos negacionistas climáticos podem ser identificados como os representantes e defensores do agronegócio. Isso ocorre devido a contribuição do setor para o aquecimento global. No Brasil, o agronegócio é responsável pelo aumento da emissão de gases de efeito estufa, com atividades que envolvem o desmatamento e a criação de gado, cruciais para o crescimento dos números nos últimos anos (Observatório do Clima, 2023).

O setor é amplamente divulgado por meio de ações de marketing e na imprensa como um campeão em conservação e sustentabilidade (Pompeia, 2021). No entanto, nos últimos anos, o sucesso do agronegócio vem sendo extensamente utilizado como uma justificativa para a consequente inércia climática, além de ser classificado como um dos principais beneficiados pelo desmonte ambiental da gestão Bolsonaro (Gama, 2022). Dados distorcidos e inconclusivos sobre o meio ambiente no Brasil são frequentemente promovidos pela aliança entre o setor e a



extrema direita, e amparados na pretensa autoridade dos falsos especialistas que contribuem com a instrumentalização política da questão climática no país.

Mesmo sem possuir embasamentos científicos contundentes para negar a influência humana sobre o clima no planeta, Luiz Carlos Molion e Ricardo Felício alcançaram um grau de autoridade entre grupos de interesse em negar o avanço da crise climática. Foi assim que ambos passaram a ser convidados para ministrar palestras sobre o tema sob o patrocínio de empresas do agronegócio. As apresentações costumam receber fazendeiros, produtores rurais e estudantes de agronomia (Gagnani, 2021).

No entanto, como pudemos observar na seção anterior, as duas figuras possuem um intrínseco envolvimento com personagens da política brasileira. Para além das atuações em audiências públicas a convite de parlamentares de direita, Gagnani (2021) observa que Molion realizou palestras que contou com a presença de integrantes do governo Bolsonaro, como o vice-presidente e o ministro de Infraestrutura, que na época eram, respectivamente, Hamilton Mourão e Tarcísio Freitas. Felício também possui ligação com Bolsonaro: em 2017, o ex-presidente compartilhou um vídeo em que o ex-professor nega a crise climática. No compartilhamento, Bolsonaro se mostrou favorável ao discurso negacionista⁶.

Assim, torna-se evidente que os fabricantes de controvérsias sistematicamente se opõem ao consenso científico para apoiar movimentos políticos que buscam retardar a ação ou desmantelar políticas de conservação importantes no Brasil (Rajão *et al.*, 2022). Logo, considerando os perigos que esses negacionistas representam para a pauta climática e para o ambiente informacional, é necessário entender como os espaços midiáticos lidam com esses pesquisadores e suas pseudopesquisas.

4 ATUAÇÃO DA MÍDIA NA COBERTURA SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS E O ESPAÇO DADO A PSEUDOSPECIALISTAS

Os meios de comunicação desempenham um papel significativo na formação de opiniões e valores em sociedades democráticas, e isso inclui a disseminação de informações sobre o consenso da existência das mudanças climáticas sob causas antropogênicas. Desempenhando um papel crucial ao noticiar a urgência e a importância de se combater o aquecimento global, a mídia é responsável por informar ao público os últimos

⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/897182063547355138>>. Acesso em: 21 jun. 2024.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia
23 a 27 de setembro de 2024

desenvolvimentos científicos e políticos nessa área (Almirón, 2013). No entanto, especialistas do clima demonstram desconfiança em torno da eficácia da comunicação científica por parte da imprensa, principalmente acerca do quão bem esses veículos são capazes de abordar as complexidades de terminologias, dados, estudos e debates sobre a crise climática (Boykoff, 2007).

Em variadas ocasiões, a mídia foi acusada de fornecer um amplo espaço a diferentes tipos de discursos céticos acerca do tema (Boykoff, 2007; Painter; Gavin, 2015), o que tem fortalecido a midiaticização de controvérsias e falsas afirmações sobre o clima. Essa estratégia tem apresentado consequências significativas na cobertura sobre as alterações climáticas da grande mídia.

A norma jornalística, que fornece espaço igualitário para “ouvir ambos os lados da discussão” (Sponholz, 2010) com o intuito de garantir a liberdade de opinião, permite que negacionistas climáticos com vínculo acadêmico ganhem a atenção da mídia em momentos decisivos para o implantamento de políticas públicas que visam o desaceleramento das mudanças climáticas. Segundo Boykoff (2007), essa estratégia da mídia se dá principalmente porque ela fornece uma ideia de “verificação de imparcialidade” para os jornalistas, visto que eles não possuem tempo ou interesse para buscar por conhecimento científico e verificar a legitimidade de discursos inconclusivos.

Além de contribuir para que vozes negacionistas sejam amplificadas, quando o enquadramento dos meios de comunicação confunde, ao invés de esclarecer, a compreensão científica sobre a responsabilidade humana nas mudanças climáticas pode ser distorcida, acarretando na criação de espaços para que a cobertura cause danos à percepção pública a respeito do tema (Almirón, 2013). Isso acaba por ter o potencial de diminuir o consenso popular, afetando a percepção da existência absoluta de que estamos vivendo em meio a uma crise climática global. A tática também impede o fortalecimento de políticas voltadas para a mitigação dos impactos causados pelo aquecimento global (Miguel, 2022).

No que diz respeito ao *lobby* das empresas de mídia diante das mudanças climáticas, os Estados Unidos servem como um exemplo claro de abertura midiática ao negacionismo climático. De acordo com Almirón (2013), o país contou com uma relevante representação dos céticos do clima na imprensa ao longo da década de 1990. Canais como Fox News e CNN promovem um jornalismo aparentemente opinativo, que usa o pretexto da liberdade de



expressão para difundir narrativas que negam a crise climática (Gastaldi, 2018). Com o apoio financeiro de *think tanks* conservadores, existe uma estrutura organizada que trabalha para propagar narrativas alinhadas aos interesses de determinados grupos.

Gastaldi (2018) afirma que o negacionismo climático perpassa por todos esses jogos de poder porque coincide com interesses neoliberais. Tais interesses visam atender aos modos de produção e às dinâmicas do livre mercado da classe hegemônica conservadora, consequentemente enfraquecendo a ideia científica de que são urgentes e necessárias medidas efetivas para o combate à crise climática.

As aparições de pseudoespecialistas nas mídias brasileiras acontecem principalmente em veículos hiper partidários de *junk news*⁷, no entanto, não se limitam apenas a eles. Um exemplo é a entrevista de Ricardo Felício ao programa do Jô, na Rede Globo, no ano de 2012. Na entrevista, agora publicada por usuários anônimos no YouTube⁸, Felício sustenta visões negacionistas sobre a “não existência do aquecimento global” e da suposta “inveracidade do derretimento das geleiras e do aumento do nível do mar”. Na ocasião, os discursos inconclusivos do negacionista foram reforçados também pelo apresentador Jô Soares, que ironizou a gravidade do tema e demonstrou alívio ao ouvir os discursos negacionistas de Felício. Foi a primeira vez que o negacionismo climático teve uma aparição de grande proporção na imprensa brasileira (Miguel, 2022), e, ainda, sem qualquer contestação.

De acordo com Barros *et al.* (2024), em estudo sobre a amplificação de vídeos de desinformação climática no YouTube, mesmo após mais de uma década desde que foi ao ar, a entrevista continua a ser usada para legitimar argumentos que desafiam o consenso científico sobre o aquecimento global. A pesquisa também encontrou entrevistas concedidas por pseudoespecialistas em programas de emissoras da comunicação pública, como TV Senado e TV Brasil, algumas delas vistas anteriormente, o que acende um alerta sobre o desvirtuamento da função pública de tais veículos de mídia.

No mesmo ano de 2012, um artigo de opinião foi publicado por Luiz Carlos Molion no jornal Folha de S. Paulo. No texto, Molion divulgava carta intitulada “*Mudanças climáticas: hora de se recobrar o bom senso*”⁹ enviada à então presidente Dilma Rousseff. O texto foi

7 Notícias de baixa qualidade.

8 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P-3YbTUUwas>>. Acesso em 10 jun. 2024.

9 O artigo de opinião publicado pela Folha de S. Paulo se encontra fora do ar. É possível encontrar a carta online através do link: <<https://pt.slideshare.net/slideshow/carta-abertapresiddilmaar/13005925>>. Acesso em 21 jun.



assinado por 18 outros professores de universidades brasileiras e declarava que o aquecimento global é um “alarmismo contraproducente” (Miguel, 2022). Os pseudoespecialistas também recomendavam que na Rio+20, conferência das Nações Unidas que discutiu a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, ocorresse uma “reorientação” do governo em relação ao tema. A carta foi exibida no *Jornal Nacional*, um dos maiores jornais televisivos da mídia brasileira (Miguel, 2022).

Em meio às situações apresentadas, ocorriam fortes discussões acerca de um Projeto de Lei que pretendia flexibilizar o Código Florestal brasileiro. Durante audiências públicas ocorridas dois anos antes das campanhas negacionistas, Molion alegou que não havia relação entre o que o Código previa e as mudanças climáticas, portanto, elas não deveriam ser levadas em consideração durante os debates nas audiências (Miguel, 2013). Algumas das questões em discussão se referiam à emenda 164, que fornecia anistia aos proprietários rurais que cometeram crimes ambientais, desconsiderando os danos contra o meio ambiente (Miguel, 2013).

Dessa forma, o negacionismo climático brasileiro, no contexto da reformulação do Código Florestal, foi uma estratégia da bancada ruralista e abriu precedentes para que essa estratégia fosse readaptada para outras situações em que interesses econômicos de grandes grupos estivessem em voga novamente (Miguel, 2022), com o potencial de alcançar a grande mídia e que pode ser ainda mais amplificada e de forma mais sofisticada com a expansão das mídias sociais (Santini *et al.*, 2022). Em 2023, presenciamos a mesma estratégia sendo utilizada para aprovar a tese do Marco Temporal das terras indígenas no Congresso Nacional (Bassi, 2023).

Tais movimentações somam-se à recente ascensão da extrema direita brasileira, que institucionalizou narrativas negacionistas no campo governamental. Nesse contexto, Gragnani (2021) aponta que os pseudoespecialistas encontraram um terreno fértil para crescer e se espalhar no cenário político brasileiro dos últimos anos. Assim, ganharam espaço na mídia profissional e alcançaram a confiança de políticos e da sociedade em uma larga escala. Em linhas gerais, é possível observar que à medida que o debate sobre a importância de mitigar o avanço da crise climática foi sendo desenvolvido, o negacionismo e a desconfiança na ciência, acompanhada da confiança em fabuladores de controvérsias científicas, também foram ocupando seus lugares buscando alcançar a mesma proporção.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliados a fortes figuras políticas do cenário brasileiro, vimos que os pseudoespecialistas que negam as ações antrópicas das mudanças climáticas têm o potencial de contribuir ainda mais para o cenário que visa o desmonte de políticas públicas de conservação do meio ambiente e de combate ao aquecimento global no Brasil. Os riscos causados por essas falsas controvérsias exigem que a comunidade acadêmica e os veículos de comunicação repensem a forma de lidar e combater a disseminação massiva do negacionismo climático, tendo em vista a falta de atenção que os cientistas do clima dão aos negacionistas no meio acadêmico (Rajão *et al.*, 2022).

O tratamento desse negacionismo na imprensa têm o potencial de se transformar em um espetáculo destinado a um público disposto a se entreter por meio de narrativas que validem suas crenças, ideologias ou mesmo apaziguem receios relacionados ao iminente sofrimento da espécie humana diante da crise climática. Assim como pudemos observar em casos estadunidenses, os negacionistas brasileiros têm suas vozes amplificadas por atores que propagam ideais de direita, o que pode ser observado também em meio à mídia.

O exponencial crescimento desses autores, bem como de campanhas anti-ciência, precisa ser acompanhado também da necessidade de se expandir o conhecimento científico por meio da divulgação científica. Oreskes (2019) afirma que, em meio a esse cenário de progresso das incertezas, é necessário ressaltar a importância de uma comunicação científica que ajude a fomentar um letramento científico eficaz na população, com capacidade de superar discursos simplistas e demonstrar que dados científicos são o resultado de uma pesquisa dinâmica de uma comunidade repleta de contrapesos.

REFERÊNCIAS

ALMIRÓN, N. R. Alimentación y calentamiento global: «La larga sombra del ganado» en la prensa española. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 19, n. 1, p. 17-33, 2013. Madrid: Serviço de Publicações de la Universidad Complutense. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/288581397_Alimentacion_y_calentamiento_global_La_larga_sombra_del_ganado_en_la_prensa_espanolaFood and Global Warming Livestock's Long Shadow in the Spanish Press>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BARROS, C. E.; SILVA, D.; SANTOS, M. L.; MEDEIROS, P. M.; SALLES, D. G.; SANTINI, R. M. **Negacionismo Climático no YouTube: como argumentos de falsos**



especialistas repercutem nos comentários da audiência. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Niterói, Rio de Janeiro, 2024.

BASSI, B. S. Frente Parlamentar da Agropecuária reuniu 76% dos votos a favor do Marco Temporal. **De Olho nos Ruralistas**, 31 maio 2023. Disponível em:

<<https://deolhonosruralistas.com.br/2023/05/31/frente-parlamentar-da-agropecuaria-reuniu-76-dos-votos-a-favor-do-marco-temporal/>>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BATAIER, C. Presidente da CPI das ONGs aluga casa em reserva ambiental por R\$ 1.466 a noite. **De Olho nos Ruralistas**, 20 dez. 2023. Disponível em:

<<https://deolhonosruralistas.com.br/2023/12/20/presidente-da-cpi-das-ongs-aluga-casa-em-reserva-ambiental-por-r-1-466-a-noite/>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BOYKOFF, M. T. Flogging a dead norm? Newspaper coverage of anthropogenic climate change in the United States and United Kingdom from 2003 to 2006. **Area**, v. 39, n. 4, p. 470–481, 2007. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-4762.2007.00769.x>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BRULLE, R. J. Institutionalizing delay: foundation funding and the creation of U.S. climate change counter-movement organizations. **Climatic Change**, v. 122, n. 4, p. 681–694, 1 fev. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10584-013-1018-7>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CECCARELLI, L. Controversy over manufactured scientific controversy: a rejoinder to fuller. **Rhetoric & Public Affairs**, v. 16, n. 4, p. 761-766, 2013. Disponível em:

<<https://doi.org/10.14321/rhetpublaffa.16.4.0761>>. Acesso em: 13 jun 2024.

COOK, J.; NUCCITELLI, D.; GREEN, S. A.; RICHARDSON, M.; WINKLER, B.; PAINTING, R.; WAY, R.; JACOBS, P.; SKUCE, A. Quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature. **Environmental Research Letters**, v. 8, n. 2, maio 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1088/1748-9326/8/2/024024>>. Acesso em: 21 jun. 2024.

GAMA, M. Antídoto científico contra o negacionismo mascarado do agronegócio. **UOL**, 21 jul. 2022. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/mara-gama/2022/07/21/antidoto-cientifico-contra-o-negacionismo-mascarado-do-agronegocio.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

GASTALDI, F. C. Gramsci e o negacionismo climático estadunidense: a construção do discurso hegemônico no Antropoceno. **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**, v. 7, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/neiba/article/view/39247>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

GIRARDI, G.; AMORIM, C.; JUSTEN, Á.; OLIVEIRA, R. Agronegócio impulsiona fake news sobre aquecimento global. 30 jun. 2023. **Agência Pública**. Disponível em: <<https://apublica.org/2023/06/agronegocio-e-extrema-direita-impulsionam-maquina-de-fake-news-sobre-aquecimento-global/>>. Acesso em: 12 jun. 2024.



GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Orientações contemporâneas da Ciência da Informação: vinculações com a epistemologia social. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S.l.], v. 11, n. 22, p. 179–198, 2022. DOI: 10.26512/museologia.v11i22.43380. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/43380>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

GRAGNANI, J. Agronegócio banca palestras que espalham mito de que aquecimento global pelo homem é fraude. **BBC**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59310009>>. Acesso em: 18 mai. 2024.

JUNGES, A. L.; MASSONI, N. T. **O consenso científico sobre aquecimento global antropogênico : considerações históricas e epistemológicas e reflexões para o ensino dessa temática**. 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204774>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MIGUEL, J. C. H. Da fronteira florestal aos limites da ciência : um estudo sobre a participação de especialistas nas audiências públicas para a elaboração do novo código florestal. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – **Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/906876>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MIGUEL, J. C. H. A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 37, p. 293–315, 13 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/#>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MISSIATO, L.; CARVALHO, F.; SILVA, L.; DENES, D. A colonialidade nas políticas ambientais do governo Bolsonaro e a inversão dos órgãos de defesa do meio ambiente. **Margens - Revista Interdisciplinar**, [S.l.], v. 15, n. 24, p. 85-102, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/10049>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MOONEY, C. **The republican war on science**. New York: Basic Books, 2005.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Estimativa de emissões em 2023: Gases de efeito estufa dos sistemas alimentares no Brasil. **Observatório do Clima**, out. 2023. Disponível em: <<https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/10/SEEG-Sistemas-Alimentares.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ORESQUES, N.; CONWAY, E. M. **Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues From Tobacco Smoke to Global Warming**. [S.l.]: Bloomsbury Press, 2010.

ORESQUES, N. **Why trust science?**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2019.

PAINTER, J.; GAVIN, N. T. Climate Skepticism in British Newspapers, 2007–2011. **Environmental Communication**, v. 10, n. 4, p. 432–452, 3 jul. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/17524032.2014.995193>>. Acesso em: 12 jun. 2024.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

POMPEIA, C. **Formação política do agronegócio**. São Paulo: Elefante, 2021.

PROCTOR, R. Agnotologia. **Revista de Economía Institucional**, Bogotá, v. 22, n. 42, p. 15-48, 20 nov. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.18601/01245996>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

RAJÃO, R.; NOBRE, A. D.; CUNHA, E. L. T. P.; DUARTE, T. R.; MARCOLINO, C.; SOARES FILHO, B.; SPAROVEKD, G.; RODRIGUES, R. R.; VALERA, C.; BUSTAMANTE, M.; NOBRE, C.; LIMA, L. S. de. O risco das falsas controvérsias científicas para as políticas ambientais brasileiras. **Revista Sociedade e Estado**, v. 37, n. 1, p. 317–352, abr. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.biocon.2021.109447>> . Acesso em: 12 jun. 2024.

SAMPAIO, C. Propostas de Bolsonaro para meio ambiente colocam o país em risco, avisam ativistas: Candidato propõe liberação da caça, critica multas ambientais e propõe extinção de Ministério do Meio Ambiente. **Brasil de Fato**, Brasília, 16 out. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/propostas-de-bolsonaro-para-meio-ambiente-colocam-o-pais-em-risco-avisam-ativistas>> . Acesso em: 13 jun. 2024.

SANTINI, R. M.; SALLES, D.; REGATTIERI, L. L.; BARROS, C. E. Computational Propaganda Effects. In: CERON, Andrea (Ed.). **Elgar Encyclopedia of Technology and Politics**. Milan: Edward Elgar Publishing, 2022. p. 273-277. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/374277846 Computational Propaganda Effect](https://www.researchgate.net/publication/374277846_Computational_Propaganda_Effect)>, Acesso em: 18 jun. 2024.

SORIAL, S. The Legitimacy of Pseudo-Expert Discourse in the Public Sphere. **Metaphilosophy**, v. 48, n. 3, p. 304–324, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/meta.12233>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SPONHOLZ, L. O papel do jornalismo nas controvérsias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 1, p. 165-172, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2010v7n1p165>>. Acesso em: 21 jun. 2024.

THOMPSON, D. F. Understanding Financial Conflicts of Interest. **New England Journal of Medicine**, v. 329, n. 8, p. 573–576, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1056/NEJM199308193290812>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

WEINEL, M. **Recognizing counterfeit scientific controversies in science policy contexts: a criteria-based approach**. In: CAUDILL, David; CONLEY, Shannon; GORMAN, Michael; WEINEL, Martin (Eds.). *The third wave in science and technology studies: future research directions on expertise and experience*. Cham, CH: Palgrave Macmillan, 2019.